

JORNALISMO E LITERATURA

Salvato Trigo

Universidade Fernando Pessoa

Se acompanhássemos Jacinto do Prado Coelho, em seu verbete sobre jornalismo no *Dicionário de Literatura* de que foi director, teríamos de substituir a copulativa do tema que nos deram pela disjuntiva. De facto, escreveu aquele professor da Faculdade de Letras de Lisboa que «em princípio, dir-se-á que o jornalismo, tal como hoje o entendemos, se define por uma expressão nua, directa, impessoal, não literária, e portanto que a literatura começa onde o jornalismo acaba.» Estaríamos, assim, perante uma incompatibilidade discursiva, embora Prado Coelho conceda, de seguida, que, não obstante tal impertinência de discursos, «os jornais continuam a incluir subgéneros literários, como a grande reportagem e a crónica, onde se afirma a personalidade dos autores, o seu estilo de visão e de expressão.» Significa isto que nos jornais, como continentes, existem conteúdos que nada têm que ver com jornalismo. Todos estaremos de acordo com esta linear dedução, pois que, sabemos-lo bem, os jornais do nosso tempo transformaram-se em veículos ou vitrinas de produtos direccionados ao grande consumo, por força da natureza industrial da actividade dita jornalística dos nossos dias. Neste aspecto, existe, quem sabe se propositadamente, uma vinculação determinista entre o veículo ou meio e o sujeito dos discursos que chamamos de jornalísticos. Esse sujeito – o jornalista – sê-lo-ia mais pelo meio em que enuncia do que pela natureza dos seus enunciados. E, todavia, todos temos a intuição de que jornalismo é uma categoria discursiva do género narrativo, que assumimos criticamente fora do meio, antes pelo estilo, para repescar o conceito atrás usado por Prado Coelho. É por essa razão que achamos natural que se discutam as relações – por pensarmos que existem e sejam fortes – entre o jornalismo e a literatura.

Antes de elaborarmos sobre a literatura, recordemos que as primeiras formas de jornalismo *avant la lettre*, isto é, de jornalismo

como um estilo e não como mediatização noticiosa de factos, emergem de reportagens, de cartas, de crónicas, de relatos de novidades que precederam o aparecimento das gazetas que, a partir do séc. xvii, abririam caminho ao jornal moderno. O jornalismo nasce, então, como uma verdadeira catacrese, já que a palavra gazeta, em 1508, não passava de uma moeda cunhada e circulante em Veneza, onde no início do já referido séc. xvii começou a ser publicado o *Veneta* ao preço duma gazetta. Por sinédoque conveniente e expressiva, rapidamente passou a acrescentar-se ao nome da folha noticiosa de *Veneza* o seu próprio custo, assim nascendo a *Gazetta Veneta*. Antes dos jornalistas, hoje uma profissão hiperssemizada de tanto mais prestígio quanto fragilizada for a vida de nossas sociedades democráticas, existiam, então, os gazeteiros, os que escreviam e faziam as gazetas, socialmente pouco considerados, como está bem de ver na compreensão semântica que veio a ganhar a expressão «fazer gazeta», hipossemicamente identificada com pouco trabalho e mesmo com vida boémia, ideias românticas que bafejaram o jornalismo até aos começos do séc. xx, antes do aparecimento dos repórteres de guerra. Concebido como uma narrativa que relatava aos outros novas de diversa natureza, meramente informativas ou também formativas como ocorria nas chamadas gazetas literárias. Nestas, os enunciados eram sempre mais importantes do que o sujeito da enunciação e não eram condicionados pela ditadura do tempo, outrora ainda medido em unidades que anulavam ou, pelo menos, mitigavam a emoção sempre perturbadora dum relato impessoal. Muito vinculado à literatura durante todo o séc. xviii e até praticamente aos meados do séc. xix, o jornalismo, a partir das revoluções liberais oitocentistas, ganhou um estilo próprio, o que fez germinar, naturalmente, os seus primeiros teóricos e, obviamente, traçar fronteiras com o estilo literário clássico que tanto o tinha ajudado a conquistar públicos ao mesmo tempo que lhe permitia escapar das mesas censórias.

Todos conhecemos nas nossas próprias histórias culturais impressionantes galerias de nomes de autores que conjugaram, e conjugam, jornalismo com literatura. Consultada essa galeria do

passado ressabe-nos a certa nostalgia a escuriteza e a elegância do estilo com que, não apenas em crônicas, reportagens e folhetins, se escrevia. Nota-se ali um verdadeiro prazer da escrita que determinava evidentemente um prazer de leitura. Confirma-se claramente que aqueles que se dedicavam à actividade jornalística tinham a consciência exacta de que a primeira e mais importante condição para se ser jornalista era, e é, o pleno domínio da sua primordial ferramenta de trabalho que é a língua ou, mais exactamente, o idioma, isto é, a língua nutrida semanticamente numa cultura que, semioticamente, individualiza o seu universo de significação. Esta consciência atravessou firme a idade do jornalismo de opinião que, se bem que em recuo pelo domínio avassalador do jornalismo de investigação, ainda hoje é servido por plumistas de grande gabarito linguístico e cultural, apesar da brevidade do espaço que lhes concedem por imposição da anulação do tempo iniciada com a rádio, aprofundada com a televisão e definitivamente alcançada com a Internet. Esta «morte» do tempo e a conseqüente minimização do espaço retiram ao jornalismo as suas instâncias discursivas fundadoras e empurram-no para a categoria da indústria do espectáculo de entretenimento, onde o *show must go on!* Nesta versão radicalista, o jornalismo passa a ser essencialmente relação e relato de casos mais do que um discurso de causas socialmente importantes e estruturantes, como toda a sociedade sadia deseja ter. Sinais dos tempos, dir-se-á, em que pela jactância das assim chamadas questões fracturantes, que desagregam, nos vamos esquecendo de que o ser da sociedade é estruturante e, por isso, agregadora. Chamem-lhe jornalismo, pelos veículos e formas que utiliza, mas não cometamos a injustiça semântica de lhe chamarmos comunicação social, porque o social deve exigir-nos mais respeito!

Se a primordial condição para ser jornalista é, como dissemos, um conhecimento superior do idioma, nisto se aproximando do escritor, direi que não é suficiente. O bom senso, na acepção cartesiana do conceito, e um apurado sentido ético da vida, temperando-lhe um e outro o culto da liberdade, são as condições sufi-

cientes para acrescentar àquela necessária. Estas são motivadoras do respeito que o público lhe tem; aquela concita-lhe a admiração. Norberto Lopes, um dos mais respeitados jornalistas portugueses do séc. xx, via na conjunção dessas duas condições – a necessária e as suficientes – aquilo que ele chamava de «vocação “universitária” do jornalismo». E desta vocação universitária está, segundo o mesmo autor, alijada a famigerada máxima de Molière no seu *Tartufe – au plus grand nombre il faut toujours s`accomoder –*, porque «o jornal não deve, só pelo facto de querer captar simpatias e aumentar a sua expansão, lisonjear os baixos instintos de certos leitores, atender às solicitações mórbidas de muitos e transigir com a vulgaridade de tantos.» E continua assertivo: «O jornalismo contemporâneo, a par da sua função informativa, tem uma missão educativa. Compete-lhe apurar o gosto do público, despertar a inteligência, favorecer a cultura, desenvolver o sentido crítico dos leitores.»

É este o jornalismo, e só este, que pode verdadeiramente buscar a parceria da literatura. Foi, por isso este o jornalismo que, por exemplo, em Portugal, buscou o dramaturgo Luís de Sttau Monteiro com suas notáveis «Redacções da Guidinha», publicadas no desaparecido *Diário de Lisboa*, entre 1969 e 1970, em plena ditadura da censura prévia a que as alegorias do escritor-cronista o furtaram. Pela mesma época e com motivos idênticos de crítica e reflexão social, aliaram o jornalismo à literatura importantes escritores brasileiros contemporâneos, entre os quais me permito realçar Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Carlos Heitor Cony, agradavelmente estudados por Jorge de Sá em seu ensaio *A Crónica*. Luiz Beltrão, também ele estudioso brasileiro do fenómeno da relação entre o jornalismo e a literatura, sintetiza bem, em seu ensaio *Sociedade de Massa, Comunicação & Literatura*, a importância e dimensão desse binómio, quando escreve:

É depois do livro que a literatura conquista a revista e o jornal. Na verdade, os primeiros periódicos são quase todos meramente

literários. Em geral, escritos por um só autor; às vezes, por eles mesmos compostos e impressos. Somente mais tarde é que viria a discriminação: cessava a escalada da literatura no jornal e na revista que, com a sua industrialização e popularização, se tornavam veículos apenas da fixação dos fatos do presente, numa forma que se iria afastando do barroquismo estilístico da mensagem poética. O jornalismo criaria então uma nova forma literária, influiria decisivamente na reformulação conceptual da literatura, seria agente provocador de todas as escolas e movimentos que se desenvolveram nos séculos XIX e XX.

Deixem-me ainda invocar aqui dois professores de comunicação brasileiros que muito têm reflectido sobre esta problemática – Cremilda Medina e Edvaldo Pereira Lima, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – cujos ensinamentos foram bem assimilados por Ana Tais Martins Portanova Barros em seu ensaio *Jornalismo, Magia, Cotidiano*.

O jornalismo contemporâneo, aquele menos preocupado com as formas e mais virado para os conteúdos que podem constituir seu produto privilegiado de venda, ajudou, sem dúvida, a que, como muito bem ajuizou Roland Barthes em seu *O Grau Zero da Escrita*, a literatura se tenha vindo a tornar cada vez mais em «uma problemática da linguagem». É a consagração da literatura como um objecto:

...a forma literária pode agora provocar os sentimentos existentes que estão ligados ao fundo de qualquer objecto: sentido do insólito, familiaridade, repugnância, complacência, uso, crime. (...) Flaubert ... constitui definitivamente a literatura como objecto, através da exaltação de um valor-trabalho: a forma tornou-se o termo de uma «fabricação», como uma cerâmica ou uma jóia.

Porém, o controlo sobre a forma que a literatura, para o ser verdadeiramente, exige e a distingue doutras práticas discursivas, não o encontramos infelizmente tanto no mundo dos *media*, onde se assiste cada vez mais à «implosão do sentido», para usarmos um conceito certo de Jean Baudrillard em seu livro *Simulacros e*

Simulação, no qual considera que «estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido». Baudrillard acrescenta: «Os media carregam consigo o sentido e o contra-sentido, manipulam em todos os sentidos ao mesmo tempo, nada pode controlar este processo, veiculam a simulação interna ao sistema e a simulação destruidora do sistema (...)». Há também aqui alguma contaminação entre os *media* e alguma literatura contemporânea que se vai designando por *light*, justamente por pouco cuidar do sentido e muito apelar aos sentidos. A boa relação que temos de procurar entre o jornalismo e a literatura é conseguida, se refundarmos o sentido nos *media* e afastarmos da actividade jornalística esse terrível presságio de McLuhan de que *medium is the message*, geradora de entropia que embrutece e torna ignaro e acrítico o espírito fraco que considera o pensar um trabalho desnecessário e muito difícil. Porque, ao refundarmos o sentido nos *media*, refundaremos o sentido das formas literárias que, se devem procurar a simplicidade, não devem ceder ao simplismo. Só desta forma dignificaremos a palavra como *verbum*, origem de toda a significação com que construimos e compreendemos a ontologia das coisas que justificam a nossa irredutível humanidade expressa por um humanismo que o jornalismo e a literatura têm obrigação de defender.